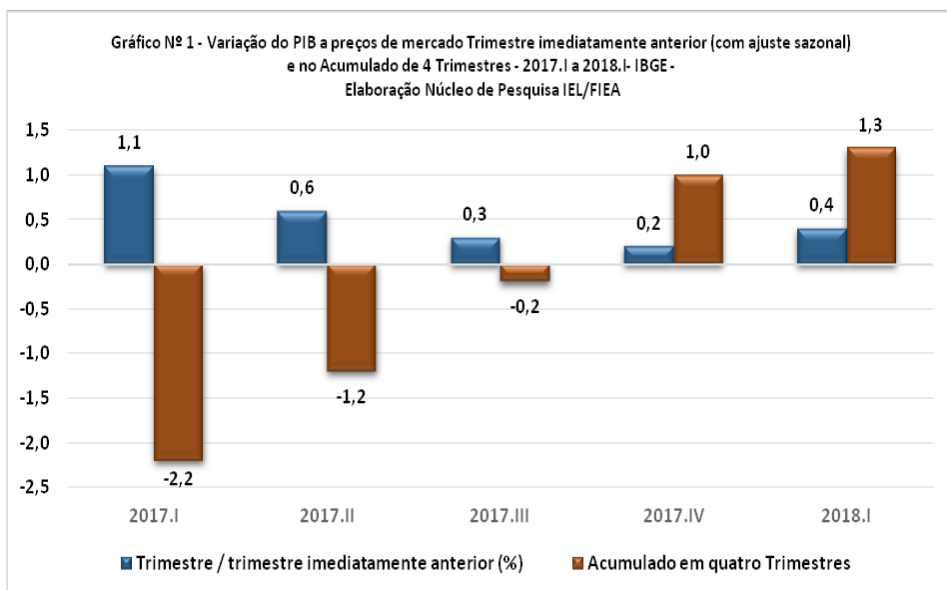




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

O PIB no 1º Trimestre de 2018

Os números divulgados pelo IBGE para o PIB no primeiro trimestre de 2018 confirmam a lenta recuperação da economia brasileira. Seja na comparação com o trimestre anterior (com ajuste sazonal), seja no acumulado de quatro trimestres, há uma nítida desaceleração do ritmo de retomada, como pode ser observado no gráfico nº 1. Na comparação na margem com igual período do ano anterior pela ótica da demanda, os gastos com consumo das famílias e investimento foram os responsáveis pelo crescimento do PIB de 0,4% no primeiro trimestre, enquanto o consumo do governo e exportações líquidas contribuíram para a sua redução. Contribuíram para explicar um aumento modesto no consumo das famílias o ainda elevado nível de desemprego, mais de treze milhões de pessoas desempregadas; acesso limitado ao crédito com taxas médias de juros de 32,81%aa e índices de confiança se estabilizando abaixo de sua média histórica como mostrado pelas pesquisas da CNI. Do ponto de vista do investimento, apesar da melhora na margem, as dificuldades residem no desempenho ainda insatisfatório da indústria da construção civil, que responde por quase 50% da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF); corte nos investimentos do setor público promovidos pela política de consolidação fiscal; capacidade ociosa elevada em vários setores da indústria, conforme atestam as pesquisas da FGV e CNI; racionamento de crédito e custos elevados de financiamento para a maioria das empresas; instabilidade cambial e comercial em função da crise econômica de parceiros importantes, principalmente para o caso da indústria, como a Argentina; e, por último, a crescente incerteza quanto ao cenário político e, consequentemente, a política econômica do próximo governo. Todos estes fatores vem afetando negativamente os índices de confiança dos empresários o que também restringe os investimentos. Da ótica da produção mais uma vez o setor agropecuário foi que salvou a lavoura com crescimento de 1,3% na margem, uma vez que a indústria e comércio praticamente não cresceram com 0,1% no primeiro trimestre. No caso da indústria dois aspectos devem ser observados quanto a este fraco desempenho, segundo o



IEDI: "o primeiro foi a queda de 0,4% do PIB da indústria de transformação, depois de quatro trimestres seguidos de crescimento em 2017. Este dado, ao lado de outros, como o emprego e produção física do setor, não deixa dúvida de que os primeiros meses de 2018 não foram nada bons para a indústria, cujo crescimento vinha se mostrando como um dos principais elementos da recuperação da economia". No tocante aos serviços basicamente se deve ao comércio, "cuja trajetória tem sido de nítida desaceleração desde a alta de 2,1% no 2º trim/17. Agora no 1º trim/18 cresceu somente 0,2%. Com esse desempenho dos serviços, que é um setor que demanda muita mão de obra, não é à toa que a situação do emprego no país melhora a passos curtos". O risco à continuidade da recuperação econômica consiste em perda de fôlego dos gastos das famílias e investimentos das empresas em um contexto de queda dos gastos públicos e aumento das importações frente às exportações. Do lado da produção, a retomada da indústria e serviços nos próximos trimestres será crucial uma vez que a tendência será a perda de dinamismo do

setor agropecuário. Os reflexos da paralisação dos caminhoneiros no PIB do segundo trimestre, mesmo que não haja ainda uma avaliação precisa de seu impacto, com certeza contribuirá para um resultado insatisfatório o que explica a revisão das expectativas de crescimento do PIB em 2018 para abaixo de 2,0%aa realizada por várias instituições do mercado financeiro e empresariais. O mercado financeiro começa a apostar que o Banco Central vai ter que aumentar a taxa selic ainda em 2018 em função da piora do balanço de riscos interno e externo. No primeiro caso, o aumento da instabilidade política, incerteza quanto a continuidade das reformas pelo próximo governo, associada a forte desvalorização do real e paralisação dos caminhoneiros fez com que as expectativas de inflação para os próximos doze meses saltassem de 4,07% no início de maio para 4,50% na primeira semana de junho. Este quadro de maior instabilidade doméstica, por sua vez, fez com que o risco país medido pelo EMBI + Risco-Brasil passasse de 269 para 330 neste mesmo período.

Banco Central pode aumentar a selic em 2018

Do ponto de vista externo, a perspectiva de aumento dos juros nos EUA em função do maior dinamismo da economia americana e do aumento das commodities, como o petróleo, pressionando a inflação também tem colocado lenha na saída de capitais dos países em desenvolvimento como o Brasil. Para complicar ainda mais o quadro de maior instabilidade externa, a saúde da economia italiana volta a atormentar os investidores na zona do Euro e a Argentina terá que fazer um ajuste muito forte na economia uma vez que teve que recorrer ao auxílio financeiro do FMI. Todos estes fatores de riscos interno e externo aumentam a pressão alista sobre a taxa básica de juros brasileira e 90% do mercado já espera aumento de 25pb na reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) de 20 de junho. O Banco Central tem sinalizado que irá manter a selic no patamar de 6,50%aa uma vez que o

foco da política monetária é a inflação e não a taxa de câmbio. No caso desta há outros recursos a serem usados como linha de defesa que são as operações de venda de contratos de dólares no mercado futuro (swap cambial), mais de US\$ 30 bilhões desde o início de junho, e, se for o caso, vender dólares no mercado a vista (spot), na medida em que conta com reservas de US\$ 380 bilhões. Ademais, a recuperação da economia está muito lenta o que diminui o risco de inflação decorrente de pressões de demanda. Todos estes fatores pesariam para que não houvesse aumento da selic no curto prazo. No mês de maio o IPCA acumulado dos últimos doze meses de 2,86% manteve-se abaixo do piso da meta de 3,0%aa, o que justifica a cautela do BCB. Todavia, em razão da paralisação dos caminhoneiros em maio, o mercado ajustou para cima suas expectativas para o IPCA no final de 2018 enquanto reviu para baixo as

projeções para o PIB neste período. A mediana das expectativas do último relatório Focus do BCB é de PIB crescendo a 1,98%aa, logo abaixo dos 2,90%aa previstos no início de 2018, e IPCA de 3,82%aa, acima dos 3,50%aa estimados no início de maio. Assim, a Autoridade Monetária encontra-se diante do seguinte dilema: se aumentar a selic provavelmente irá enfraquecer ainda mais a recuperação econômica e se não mexer nos juros pode ter que gastar no mercado cambial muita munição para estabilizar a taxa de câmbio, o que terá um custo fiscal alto principalmente se ela tiver que aumentar os juros posteriormente. O mercado está apostando que haverá aumento mas também apostou que haveria queda na reunião passada e o BCB surpreendeu. Agora só resta esperar para saber qual posição irá prevalecer na próxima reunião do COPOM.

A produção Industrial Brasileira em abril de 2018



O desempenho da indústria brasileira em abril de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, aumento de 0,8%. Na comparação com o mesmo mês em 2017 a indústria registrou aumento de 8,3%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "o resultado da indústria em abril contrasta com o quadro de quase estagnação dos meses

anteriores ao registrar a primeira alta digna de nota em 2018, sinalizando para um dinamismo um pouco mais substancial no segundo trimestre do ano. As chances disso ocorrer, no entanto, seriam maiores se maio não tivesse sofrido os efeitos adversos da paralisação do transporte de carga rodoviário. Deste modo, junho deverá ser o fiel da balança do trimestre".

Ainda segundo o IEDI, "o nível

de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 76,5% em abril de 2018. O indicador ficou praticamente estável frente ao mês imediatamente anterior entre outubro de 2017 e janeiro do presente ano, antes de subir 0,9 p.p. em fevereiro e 0,5 p.p. tanto em março como em abril. Entretanto, o atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80,3%). Já o indicador da CNI ficou em 78,1% em abril de 2018, já descontados os efeitos sazonais, nível muito próximo ao de março (78,2%). Vale lembrar que o indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, isto é, mostrando pouca evolução desde então. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 81,1%."

Variações da Produção - Abril - 2018 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,8	8,9	4,5	3,9
Bens de capital	1,4	23,2	14,0	10,1
Bens intermediários	1,0	4,7	2,4	2,5
Bens de consumo	0,4	14,8	6,5	5,3
Bens de consumo duráveis	2,8	36,2	21,6	17,7
Semiduráveis e não Duráveis	0,5	9,6	2,8	2,4
Extrativa Mineral	0,0	0,1	-2,0	0,7
Transformação	0,8	10,2	5,5	4,4

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro